

# História e Teoria da Crítica

por Augusto M. Seabra



Sven Lafe. 4 Acts de Raimund Hoghe © Rosa-Frank.com

## 6 de novembro

Crítérios estéticos, subjetividade e juízos de gosto

## 13 de novembro

A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte

## 20 de novembro

Crítica, arte(s) e artistas

## 27 de novembro

A crítica ainda existe?

### A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte

Como surge a categoria de “moderno”? Quando se indica ou valoriza algo de “novo” mas não só – também quando esse “novo” é contraposto ao “antigo”, “clássico” ou da tradição. Mas ainda um outro fator surge quando se refere não apenas uma obra de arte mas também um mais lato conceito, o de “vida moderna”.

*O Pintor da Vida Moderna* foi originalmente publicado por Charles Baudelaire (1821-1867) em três partes, em novembro e dezembro de 1863 no *Le Figaro* e em 1869 no *L'Art Romantique*, e um dos seus capítulos é mesmo especificamente dedicado à *Modernidade*. Se Baudelaire, poeta

e crítico, não formulou uma teoria geral da modernidade, não obstante elaborou fragmentariamente uma concepção da experiência estética, de uma autonomia da arte que privilegia a “novidade”, inclusive no que ela implica de efêmero. A relação antigo-moderno ou clássico-novo foi desse modo postulada de outro modo, que não em termos tradicionais.

Se considerarmos o paradigma da “antiguidade” e dos “clássicos” como arquétipos e padrão, o contraponto do “moderno” tinha começado a estabelecer-se logo no período histórico e artístico em que esses arquétipos foram estabelecidos, isto é, no Renascimento, prosseguiram em debates já abordados na anterior conferência como a *Querelle du “Cid”* de Corneille e na *Querelle des Anciens et des Modernes* no século XVII em França, e tiveram expressão também em diferentes entendimentos da “antiguidade”, caso das concepções antagônicas de Lessing (1729-1781), expressa no *Laocoonte*, e de Winckelmann (1717-1768).

Mas uma mutação estética crucial ocorreu precisamente nos finais do século XVIII, em 1798/1800, com a publicação em três volumes, por iniciativa dos irmãos Karl Wilhelm Friedrich (1762-1829) e August Wilhelm Schlegel (1767-1845) do jornal *Atheneum*, ao qual, direta ou indiretamente, se ligarão os poetas Novalis (1772-1801) e Hölderlin (1770-1843), isto é, a eclosão do romantismo, de uma teoria do “absoluto” em literatura, que se expandiu com a sua divulgação por Madame de Staël em *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800) e *De l'Allemagne* (1813). Um escritor, crítico e compositor como E.T.A. Hoffmann (1766-1822) considerou que “a música é a mais romântica de todas as artes” (porque a mais “absoluta”) e em França o romantismo afirmou-se na literatura, romance, poesia e teatro, com Victor Hugo (1802-1885), designadamente no *Preface de “Cromwell”* (1827) e sobretudo quando da *Bataille d’Hernani* (1830), na pintura com Delacroix (1798-1863) e na música

com Berlioz (1803-1869), mormente com a *Sinfonia Fantástica* (1830), autores considerados como a “trindade” do “romantismo francês” por outro representante do movimento, Theophile Gautier (1811-1872), de resto também, entre outros aspetos, teorizador do bailado romântico e autor do argumento de *Giselle*.

Ao longo do século XIX ocorreram assim diversos processos em simultâneo, a afirmação da autonomia e liberdade artísticas, mas também a inscrição das obras no quadro do capitalismo triunfante, com o alargamento do mercado, incluindo o “mercado de bens simbólicos” (para retomar uma caracterização de Pierre Bourdieu) entre os quais os artísticos e culturais, e a expansão do público e igualmente da imprensa, englobando a crítica, nas páginas designadas de *feuilleton*, termo ainda hoje em uso nos jornais de língua alemã.

A expansão do mercado das atividades culturais públicas e a institucionalização da crítica na imprensa suscitaram uma nova dicotomia, uma oposição mesmo, entre a reiteração de um “cânone”, isto é de um repertório de obras consagradas, e a afirmação do “novo” e “moderno”, suscitando escândalos e mesmo processos judiciais no caso de obras como a *Madame Bovary* de Flaubert, *As Flores do Mal* de Baudelaire ou a *Olympia* de Manet.

Com a mutação dos conceitos de arte ocorreu também assim uma nova polaridade crítica na reiteração do cânone ou na apologia de uma modernidade emergente. Augusto M. Seabra

**Augusto M. Seabra** exerce crítica, nomeadamente de música e cinema, desde 1977, dedicando-se também em particular à sociologia da arte. Foi um dos fundadores do *Público*, jornal em que é colunista. Foi membro de júris nalguns dos mais destacados festivais internacionais de cinema. É também programador. Foi professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.